

**UM TROFÉU SUADO**

Já contei em livro, anos atrás, a história do calção que emprestei ao presidente Lula para jogar uma partida de futebol na chácara do meu pai nos arredores de Franca, em 1982, durante a campanha eleitoral do PT ao governo do estado. Após o jogo e o almoço que se seguiu, onde a comida foi preparada por dois que já se foram, o sindicalista e sapateiro Fábio Cândido da Silva e o médico e vereador Aníbal Vilela, Lula seguiu viagem para um comício em Barretos e o calção sujo mandei pra lavar e não sei o que aconteceu a ele, acho que nunca mais usei, pois o Lula era bem mais gordo que eu.

Naquela partida, um dos destaques foi o jovem Eduardo Suplicy, então candidato a deputado, que jogou descalço e tinha um potente canhão nos pés. Suplicy foi eleito e reeleito diversas vezes, chegando ao Senado da República, sempre com um trabalho exemplar, dedicado, honesto e fiel a seus princípios, em especial à idéia de uma renda mínima de cidadania para todos os brasileiros. Mais uma vez, terá meu voto nestas eleições.

Falar de Suplicy remete ao passado de outras campanhas eleitorais e lembranças (Regina e Henrique, meus cunhados, começaram a namorar num comício do Supla) mas a mais interessante foi aquela em que fui motorista dele, durante a campanha eleitoral de 1990, quando Plínio de Arruda Sampaio era o candidato do PT a governador de SP. A militância do PT de Franca foi esperá-lo no aeroporto (que então não era propriedade particular de alguns ricos que possuem seu próprio avião, como hoje). Como não havia dinheiro para nada, consegui emprestada a caminhonete do meu pai para ele circular dando “tchauzinho” pro povo nas ruas.

Nunca gostei de dirigir, menos ainda veículos que não tinham direção hidráulica, difíceis de manobrar. Mas como era à noite, pedi emprestada a caminhonete e fui. Aboletaram-se o Gilmar Dominici, Pardal, Marcial e o Supla na caçamba. Eu, Atalie e as crianças fomos na cabine. Naquela época, antes do novo Código Nacional de Trânsito, não havia fiscalização sobre quem andava na caçamba e nem cintos de segurança. O trajeto da carreta previa ir do aeroporto ao centro da cidade, depois até o bairro da Estação. Muito encalorado, Suplicy resolveu trocar de roupa ali mesmo no caminho e jogou a camisa suada pra Atalie segurar. Fomos até o centro, onde ele desceu, fez um breve pronunciamento na Praça Barão, o mais incrível é que havia vagas para estacionar, a foto comprova. Prosseguimos para o bairro da Estação e, quando retornávamos pela íngreme subida da Rua General Telles, o motor morreu, tive que puxar bruscamente o freio de mão para breicar. E prá sair? Foi um esforço hercúleo, fiquei apavorado quando o veículo deu um tranco e começou a escorrer para trás ladeira abaixo onde acompanhavam alguns outros carros buzinando. Suando frio, vislumbrei o acidente e as manchetes da tragédia no “Viaduto dos Bambus” construído pelo Gosuen. Por sorte, consegui religar o motor e fazer a rampa sem novos incidentes, até levá-lo de volta ao aeroporto.

No fim, ele esqueceu a camisa suada com Atalie, que era (até hoje) fã do Suplicy. Por via das dúvidas, dei um fim nela, vai que a Martha Suplichic ficasse sabendo. Votarei 131 para senador, sem medo de errar.

Mauro Ferreira é arquiteto